



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

MATHEUS AMARO DA CUNHA

**DISCURSO E AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES:
UMA ANÁLISE DO NOVO ULTIMATE HOMEM-ARANHA
E DA NOVA MISS MARVEL**

**JOÃO PESSOA
2017**

MATHEUS AMARO DA CUNHA

**DISCURSO E AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES:
UMA ANÁLISE DO NOVO ULTIMATE HOMEM-ARANHA
E DA NOVA MISS MARVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da
Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de
Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa,
sob orientação da Profa. Dra. Amanda Braga.

JOÃO PESSOA
2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Cunha, Matheus Amaro da.

Discurso e afirmação de identidades: uma análise do novo ultimate homem-aranha e da nova miss marvel / Matheus Amaro da Cunha. - João Pessoa, 2017.

56 f.:il.

Monografia (Graduação em Letras, língua portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Amanda Braga

1. Discurso. 2. Comic. 3. Identidade . 4. Miles Morales - Kamala Khan.
I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 801

MATHEUS AMARO DA CUNHA

**DISCURSO E AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES:
UMA ANÁLISE DO NOVO ULTIMATE HOMEM-ARANHA
E DA NOVA MISS MARVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, sob orientação da Profa. Dra. Amanda Braga.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Amanda Braga
(Orientadora)

Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis
(Examinadora)

Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (UFPB)
(Examinadora)

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (UFPB)
(Examinador suplente)

JOÃO PESSOA
2017

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar;

Aos meus pais, Dilza Amaro de Souza Farias e Pedro Wilde Wanderley de Farias, por terem me guiado e me incentivado para que eu pudesse chegar a este ponto e ainda ir mais além;

À minha orientadora, Amanda Braga, pela orientação deste trabalho, pela motivação que me foi dada, pela disponibilidade e pela paciência;

À professora Edjane Gomes de Assis, por ajudar a gerar em mim a afeição pela Análise do Discurso durante a graduação e pela disponibilidade para participar da banca examinadora deste trabalho;

À professora Eliana Vasconcelos da Silva Esvael, por se disponibilizar a avaliar este trabalho como parte da banca examinadora;

Aos meus amigos de graduação Emerson David Andrade e Maria Helena Tinto, por me ajudarem a percorrer este caminho que foi a graduação, me dando motivação para seguir em frente e compartilhando seus conhecimentos comigo durante os trabalhos em grupo, e por se tornarem mais do que apenas amigos de graduação, mas amigos que pretendo levar para toda a vida;

Aos meus amigos Eriglauber Oliveira, Jessiane Bezerra, José Carlos de Araújo, Thuanny Barreto e Marcus Damasceno, por estarem há muito tempo na minha vida e por terem ajudado a me tornar o que sou hoje;

Por último, à minha família, de modo geral, por serem parte fundamental da minha formação como pessoa.

RESUMO

A sociedade brasileira, tal como a sociedade estadunidense e outras ao redor do mundo, determina, em lei, que haja igualdade entre todos os sujeitos que a integram, independentemente de questões raciais, de gênero, de orientação sexual, entre outras. No entanto, apesar da determinação da lei, algumas identidades sobressaem nessa sociedade e passam a ocupar o papel de identidades dominantes, interferindo diretamente em questões sociais e ideológicas que movem a sociedade. Desta forma, é comum que algumas identidades se tornem minorias e acabem perdendo parte de seu espaço social. De uma necessidade de recuperar o espaço dessas identidades consideradas minorias, surgem os movimentos sociais que buscam real igualdade e os discursos que atuam produzindo sentidos capazes de afirmar essas identidades que resistem às ideologias dominantes. Neste trabalho, procuramos mostrar como personagens de *comics* (especificamente Miles Morales, o novo Ultimate Homem-Aranha, e Kamala Khan, a nova Miss Marvel) são capazes de afirmar identidades de resistência através de seus discursos e de motivar seus leitores de forma que haja o reconhecimento de que os movimentos sociais em busca de igualdade social estão surtindo efeito.

Palavras-chave: Discurso. Identidade. *Comic*. Miles Morales. Kamala Khan.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Charge de Latuff.....	26
Imagem 2 – Tirinha de Quino - Mafalda.....	28
Imagem 3 - Uma capa do mangá Kimi ni Todoke.....	30
Imagem 4 - Uma das capas da comic Vingadores.....	32
Imagem 5 - Imagem do Capitão América.....	33
Imagem 6 - Hulkling e Wiccan.....	34
Imagem 7 - Momento em que Peter Parker é picado pela aranha radioativa.....	37
Imagem 8 - Peter Parker como Homem-Aranha.....	38
Imagem 9 – Primeira versão de Peter Parker nos quadrinhos.....	39
Imagem 10 – Versão Ultimate de Peter Parker.....	39
Imagem 11 - Miles Morales sendo picado pela aranha radioativa.....	40
Imagem 12 - Primeira versão da HQ do Homem-Aranha: Apenas personagens brancos presentes.....	42
Imagem 13 - Miles Morales com sua família.....	43
Imagem 14 - Miles Morales, Ganke Lee e Judge.....	44
Imagem 15 - Peter Parker e seus amigos Mary Jane e Harry Osborne.....	45
Imagem 16 - Miles se incomoda com o título de Homem-Aranha negro.....	46
Imagem 17 - Primeira versão da Miss Marvel.....	48
Imagem 18 - Carol Danvers como Capitã Marvel.....	49
Imagem 19 - Kamala Khan, a nova Miss Marvel.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - OLHARES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO	9
1.1. BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA AD	11
1.2. MEMÓRIA DISCURSIVA, IDENTIDADE E OUTROS CONCEITOS IMPORTANTES	16
1.3. O CONCEITO DE IDENTIDADE.....	20
CAPITULO II – OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NO TEXTO SINCRÉTICO	24
2.1 CHARGES	26
2.2 TIRINHAS	28
2.3 MANGÁS	29
2.4 COMICS	31
CAPÍTULO III – ANÁLISE DO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES EM MILES MORALES E KAMALA KHAN	36
3.1. PETER PARKER	37
3.2. MILES MORALES	40
3.3. CAROL DANVERS	47
3.4. KAMALA KHAN	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, propomos uma análise dos personagens Miles Morales, da *comic*¹ *Miles Morales: O Último Homem-Aranha* e Kamala Khan, da *comic Ms. Marvel Kamala Khan*. Buscaremos mostrar a forma como esses personagens produzem identidades a partir de seus discursos e ao mesmo tempo afirmam identidades de resistência, isto é, identidades consideradas minorias diante de uma sociedade em que existem identidades dominantes, ditando padrões através de suas ideologias. Portanto, buscamos defender neste trabalho a afirmação de identidades produzidas pelos discursos contidos em Miles Morales e Kamala Khan, respectivamente, o novo Ultimate Homem-Aranha e a nova Miss Marvel.

Em um primeiro momento do trabalho, iremos fazer uma contextualização histórica da teoria da Análise do Discurso, mostrando as modificações que a teoria sofreu desde suas primeiras formulações, feitas por Michel Pêcheux, até sua última fase, assim como mostraremos a forma como o sujeito era tratado em cada uma das três fases da AD. Além dessa contextualização histórica, buscaremos também situar e discutir alguns conceitos importantes para o entendimento da teoria do discurso, da mesma forma que iremos abordar as questões identitárias, um ponto importante deste trabalho, visto que essa abordagem será essencial para a análise da produção e afirmação de identidades a partir dos personagens que tomamos como *corpus*.

Em um segundo momento, faremos algumas considerações acerca do texto sincrético e da forma como seus discursos são construídos através de uma pluralidade de linguagens. A fim de promover uma melhor compreensão da discussão, traremos alguns exemplos, a partir dos quais mostraremos a maneira como discursos se unem para formar um discurso maior a partir da *charge*, do mangá, da tirinha e das *comics*.

Essa discussão sobre o processo de identificação no texto sincrético nos levará para o último momento de nosso trabalho, no qual usaremos os conceitos teóricos e metodológicos discutidos para analisarmos os personagens Miles Morales e Kamala Khan², mostrando a forma como seus discursos são capazes de afirmar identidades de resistência. Durante a análise, faremos uma comparação do novo Homem-Aranha e da nova Miss Marvel com seus

¹ *Comic* é a forma como são chamadas as histórias em quadrinhos produzidas nos Estados Unidos. Em nosso trabalho, o termo *comic* será usado para os quadrinhos estadunidenses de super-heróis.

² Recortamos dos *corpora* alguns momentos em que as questões identitárias que buscamos estão evidentes no discurso dos personagens.

antecessores, para que possamos compreender melhor o que mudou com a inserção desses novos personagens, seja em questões identitárias, seja em questões externas às *comics*, como o contexto social em que elas foram produzidas.

CAPÍTULO I - OLHARES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Atualmente, a Análise do Discurso (doravante AD) é um campo de estudos consistente e de extrema importância. Através desse campo, é possível estudar e compreender as ideologias que se fazem presentes em nossa sociedade e que vão se deslocando com o passar dos anos. Apesar disso, vale dizer que nem sempre a AD foi um campo consistente, e que muitas coisas mudaram desde a primeira formulação proposta por Michel Pêcheux até a teoria que conhecemos atualmente. Neste caso, é de grande importância conhecer o caminho percorrido pela Análise do Discurso, para que possamos compreender as modificações sofridas pela teoria no decorrer de sua formação.

A AD nasce na França em fins da década de 60, coincidindo com uma das épocas de maior revolução social e cultural na França. Robert Ponge (2009) aponta que o ano de 1968 foi um dos marcos de tal revolução. Em suas palavras,

O ano de 1968 conheceu, mundialmente, uma efervescência político social excepcional. Foi um autêntico *abalo sísmico*. Com o famoso *Maião* francês e sua histórica greve geral, com a notável *Primavera de Praga* que despontou como a esperança na possibilidade de um socialismo autêntico – eventos que se constituem nos dois movimentos de maior densidade política e social do ano, ambos prenhes de autênticas revoluções. Mas, também, com o estalo de uma miríade de importantes (por vezes, vultosas) mobilizações, nos quatro cantos do mundo. Sem sombra de dúvidas, 1968 foi um ano ímpar. (PONGE, 2009, p.1).

Mais precisamente em 1969, Michel Pêcheux surge com a Análise do Discurso³ em uma época que, segundo Ferreira (2005, p. 39), “coincide com o auge do estruturalismo, como paradigma de formatação do mundo, das ideias e das coisas para toda uma geração da intelectualidade francesa”. Problematizando esta situação, Pêcheux passa a questionar o fato de a língua ser tomada apenas enquanto meio de comunicação, uma vez que a visão estruturalista que marcava aquela época excluía o sujeito. Com “excluir o sujeito”, queremos dizer que o método estruturalista de tratar as questões humanas se baseava em um sistema fechado, que negava a exterioridade da língua e considerava uma relação interna dos

³ Mazzola (2010) fala sobre uma dupla fundação da Análise do Discurso, sendo os pais da teoria Michel Pêcheux, com a publicação do *Analyse automatique du discours* e Jean Dubois, com *Lexicologia e análise do enunciado*. Como Mazzola coloca, Dubois dá sua contribuição através da lexicologia e da lexicografia, enquanto Pêcheux traz ao campo de estudo influências marxistas a partir de Althusser, tais como a filosofia, a psicanálise, a linguística e a epistemologia (MAZZOLA, 2010). Este trabalho traz discussões acerca da AD de Michel Pêcheux, mas se faz necessária a menção a Jean Dubois.

fatos que viria a ser compreendida através da relação dicotômica defendida por Saussure, ou seja, uma relação entre pares antagônicos (significado e significante, sincronia e diacronia, paradigma e sintagma, língua e fala). Desta forma, interpretando a comunicação humana como uma estrutura fechada e interna que desconsidera fatores externos, é correto afirmar que o estruturalismo não considerava o sujeito em si, mas apenas os fenômenos internos relativos à língua, além de analisá-la de forma descontextualizada. Hall (2005) faz um levantamento sobre o sujeito na visão dos trabalhos de Saussure, a partir do qual podemos ter uma ideia de como o linguista via o sujeito dentro de sua teoria:

Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os “autores” das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. Além disso, os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. Nós sabemos o que é a “noite” porque ela não é o “dia”. (HALL, 2005, p. 40).

Em outras palavras, o sujeito tinha seu papel individual desconsiderado no que diz respeito à produção da linguagem, e a própria língua e suas regras eram os guias dos pensamentos humanos (algo que já começa a aparecer em estudos linguísticos funcionalistas, que estudam a linguagem em uso), logo, este sujeito basicamente deixaria de existir por não ter autonomia, lugar. E é neste ponto que a Análise do Discurso entra. Nas palavras de Ferreira (2005),

Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo lingüístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a lingüística. A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria lingüística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época. (FERREIRA, 2005, p. 40).

Considerando essa ideia que aponta o surgimento da AD como uma forma de intervir no formalismo excessivo que estava instaurado em virtude das influências do estruturalismo na

forma de conduzir a sociedade francesa na década de 60, podemos dizer que uma das intenções de Pêcheux ao formular as primeiras teorias do discurso era novamente dar espaço ao sujeito, espaço este que foi perdido no momento em que o estruturalismo buscou normalizar esse sujeito para que fosse apto a se encaixar no objeto de estudo estruturalista, que era a língua padronizada, fechada e descontextualizada da qual falamos anteriormente.

1.1. BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA AD

A Análise do Discurso não seria capaz de adquirir a consistência inicial da qual precisava se não houvesse nenhuma influência e diálogo com outros campos. Reiterando, Pêcheux viu naquele momento revolucionário na França a oportunidade de questionar o método estruturalista de lidar com o sujeito daquela época, porém precisou dialogar com outros campos de estudo. Gregolin (2007) afirma:

Quatro nomes, fundamentalmente, estão no horizonte da análise do discurso derivada de Pêcheux e vão influenciar suas propostas: Althusser, com sua releitura das teses marxistas; Foucault, com a noção de formação discursiva, da qual derivam vários outros conceitos (interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas etc.); Lacan e sua leitura das teses de Freud sobre o inconsciente; Bakhtin e o fundamento dialógico da linguagem, que leva a AD a tratar da heterogeneidade constitutiva do discurso. A natureza complexa do objeto discurso – no qual confluem a língua, o sujeito, a história – exigiu que Michel Pêcheux propusesse a constituição de um campo em que se cruzam várias teorias, um campo transdisciplinar. As contribuições de Althusser, Foucault, Lacan e Bakhtin vão operar esse cruzamento entre diversas regiões do conhecimento e possibilitar a abordagem das relações entre linguagem, sujeito, discurso e história. (GREGOLIN, 2007, p. 14).

Ao surgir com as primeiras formulações da Análise do Discurso, Michel Pêcheux busca trazer de volta a importância do sujeito (como já dito anteriormente) e o coloca não como a fonte do discurso, mas como um sujeito assujeitado, isto é, um sujeito que adere a discursos já existentes e segue regras que também já existem dentro desse discurso para poder se apropriar dele adequadamente, ou seja, um sujeito sem “autonomia discursiva”. Neste primeiro momento, toda a teoria se encontra em um sistema de discursos fechados, produzidos em um determinado momento, num sistema chamado de maquinaria discursiva, uma vez que se é possível ter a ideia de máquina, de processos limitados, com menos chances de haver variação de sentidos dentro dos discursos abordados. Com isso, entendemos que, inicialmente, a proposta era buscar discursos possivelmente estáveis, para analisá-los dentro de si próprios. Nesta primeira fase da

AD, Pêcheux buscava “isolar” determinados discursos e tratá-los quase que individualmente, considerando a ideia de máquina discursiva. Se fizermos uma inferência acerca desse momento do campo de estudo em questão, podemos notar que a máquina discursiva adotada por Pêcheux decorre da ideia do sujeito assujeitado, que por si só já fazia o sujeito circular dentro de um discurso do qual ele se apropriou.

Como uma disciplina recente e ainda restrita a determinados discursos limitados, a AD precisou ser reformulada. Em sua segunda fase, a noção de máquina discursiva começou a ser abandonada por Pêcheux para ser substituída pela ideia de formação discursiva, formulada por Foucault. A noção de discursos justapostos, estabilizados e homogêneos perdia espaço à medida em que o conceito de formação discursiva ia parecendo mais consistente e mais apto a ser utilizado. Com isso, a noção de discurso se torna mais abrangente e o sujeito passa a ter mais importância na produção da linguagem do que na fase anterior. Nas palavras de Santos e Silva:

o conceito de Formação Discursiva não pode conviver com o de Máquina Discursiva, uma vez que uma Formação Discursiva se define na relação com outras formações discursivas, portanto não é fechada em si mesma. Ela é sempre atravessada por elementos de outras formações discursivas. Uma Formação Discursiva é constituída por um conjunto de paráfrases, com a retomada e reformulação de enunciados. Ao deixar de lado o conceito de Máquina Discursiva, a AD ampliou o conjunto de discursos passíveis de análise, pois não mais considerou a noção de discurso estabilizado. (SANTOS E SILVA, 2014, p. 23).

Com a adoção da noção de formação discursiva, a teoria entrava em um momento em que não cabia adequadamente a ideia de discursos homogêneos que a primeira fase da AD adotava. Como diz a assertiva acima, a ideia de formação discursiva depende de fatores exteriores a um único discurso ou até mesmo a um único sujeito, uma vez que uma formação discursiva vai passar por várias outras, como uma reação em cadeia. Pode ser tomada como uma “personalidade discursiva” se a analisarmos fazendo uma comparação à personalidade humana: durante a vida passamos por várias experiências, e tais experiências vão nos moldando como sujeitos. Não formamos nossa personalidade sozinhos, mas com a influência de todas as pessoas que passam pela nossa vida e deixam experiências positivas e negativas, que absorvemos ou não. Com a formação discursiva seria parecido: várias formações discursivas perpassam pela nossa, permitindo-nos absorver o que for cabível para ela. Entretanto, há um ponto que quebra a analogia: uma formação discursiva não pertence somente a um sujeito, mas a um conjunto de sujeitos que se identificam com tal formação, pois, como explica Fernandes (2007), “Uma formação discursiva resulta de um campo de configurações que coloca em

emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico” (FERNANDES, 2007, p. 42). Reiterando, a superioridade do conceito de formação discursiva diante da maquinaria discursiva proposta na primeira fase da AD se dá pela capacidade do primeiro abrir possibilidades para que haja interações entre formações discursivas diferentes, o que não acontece na máquina discursiva, que consistia em um discurso estabilizado no qual sujeitos ainda sem autonomia se apoiavam.

Neste ponto da teoria formulada por Pêcheux com a ajuda dos conceitos de Foucault, portanto, o sujeito perde parte do assujeitamento ao qual estava submetido e vai começando a ganhar autonomia, um lugar social no qual pode estar inserido com outros sujeitos de formação discursiva semelhante (diferente do sujeito da AD1, que absorve para si um discurso predeterminado), mas ainda assim é considerado assujeitado, de alguma forma, às formações discursivas, como sugere Fonseca-Silva (2004), ao apontar a problemática da segunda fase da AD:

A problemática dessa fase, segundo Pêcheux (1983a), decorre dessa relação desigual das formações discursivas; do fechamento da maquinaria discursiva, mesmo sendo concebido como resultado paradoxal da irrupção de um além exterior e anterior; do sujeito do discurso continuar sendo concebido “*como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da formação discursiva à qual ele se identifica*”; enfim, da insistência da alteridade na identidade discursiva que coloca em causa o fechamento desta identidade, da noção de maquinaria discursiva e da noção de formação discursiva tal como reformulada dentro da AD. (FONSECA-SILVA, 2004, p. 2).

A citação acima nos faz pensar que o problema geral da AD2 se encontra em torno do sujeito, no seu ainda recorrente assujeitamento. O sujeito possuía a ilusão de que tinha a liberdade de se encaixar em uma formação discursiva com a qual ele se identificava, porém, isso não configurava sua identidade de forma precisa, mesmo que mais aberta do que a metodologia da AD1.

Apesar de evoluir em sua linha científica ao adotar o conceito de formação discursiva e abandonar aos poucos as possibilidades oferecidas pela ideia de máquina discursiva vigente na primeira fase da Análise do Discurso, estudos futuros vieram a expandir ainda mais o campo de estudo e trazer novas possibilidades dentro do campo. Com a AD3, entram conceitos ainda mais abrangentes que o de formação discursiva

Na terceira fase da Análise do Discurso, a AD3, entram diversos conceitos que estão em uso até os dias atuais, tal como o de formação discursiva, que foi elaborado na AD2. Até este ponto, notamos o quão era complexo dar devida importância ao sujeito como produtor de

sentidos, graças ao assujeitamento ao qual ele estava submetido. Portanto, para que a ideia de máquina discursiva fosse abandonada de uma vez por todas, foi preciso oferecer ao sujeito seu lugar junto à história.

Como dito acima, fez-se necessário o abandono da máquina discursiva. Tal abandono, segundo Fernandes (2007, p. 83), se deu da seguinte forma:

Na AD3, A noção de maquinaria discursiva estrutural é levada ao limite e estabelece-se o primado teórico do outro sobre o mesmo; a ideia de homogeneidade atribuída à noção de condições de produção do discurso é definitivamente abandonada; a ideia de estabilidade é banida em função do reconhecimento da desestabilização das garantias sócio-históricas; há o reconhecimento da não neutralidade da sintaxe; a noção de enunciação passa a ser abordada e as reflexões sobre heterogeneidade enunciativa levam à discussão sobre o *discurso-outro*. São colocadas, enfim, várias interrogações acerca do sujeito do discurso, do espaço e da memória, e sobre a Análise do Discurso em si, enquanto procedimento de análise, e até mesmo sobre a possibilidade de redefinição de uma política da Análise do Discurso. (FERNANDES, 2007, p. 83).

Como é possível entendermos a partir da assertiva acima, a terceira fase da Análise do Discurso foi uma fase de resoluções. Foram apontados os problemas acerca da teoria em suas fases anteriores para que estes pudessem ser solucionados ou postos à prova. Como dito anteriormente, as questões que levaram a teoria a ser reformulada e incrementada estavam sempre em volta do sujeito, já que este elemento vinha de um quadro de exclusão presente no estruturalismo, corrente linguística que era tomada como modelo para conduzir a sociedade francesa na segunda metade do século XX, até o surgimento das primeiras formulações por Michel Pêcheux, trazendo influências da Psicanálise (Lacan e Freud), da Linguística (o próprio Saussure, visto que a AD começa de forma um tanto presa a um método pós-estruturalista de análise), do Marxismo (Althusser) e das teorias de Foucault (presentes quando se começa a falar sobre Formação Discursiva). Novas discussões começam a surgir e discussões já recorrentes, como os questionamentos em torno do sujeito, começam a ser reformuladas.

Com a noção de máquina discursiva estrutural sendo levada ao seu limite para então ser desconstruída, foi adotado não só o conceito de formação discursiva, mas o de Interdiscurso. Mazzola (2010) fala sobre uma desconstrução também da FD (Formação Discursiva), apontando que “Na AD-3, os diferentes discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso” (MAZZOLA, 2010, p. 31). Sendo assim, seria o interdiscurso o novo aprimoramento da AD. Com a noção de interdiscurso, o sujeito deixa

completamente de ser assujeitado e se torna dividido, clivado, heterogêneo (MAZZOLA, 2010, p. 32). Com essa “autonomia discursiva” conquistada enfim, ou seja, tendo o sujeito enfim a capacidade de atuar como produtor de sentidos dentro das interações autor-texto-leitor-condições de produção, há a possibilidade de perpassar por uma grande variedade de discursos, afinal é o interdiscurso que permite a heterogeneidade do sujeito da AD3. Sendo assim, temos o interdiscurso como o responsável pela estruturação da identidade das formações discursivas.

Para entendermos melhor, observemos a definição de interdiscurso proposta por Fernandes (2007):

[...] podemos atestar que toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se interdiscurso. Trata-se, conforme assinalamos, de uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais. (FERNANDES, 2007, p. 36).

Com essa assertiva, podemos entender que o interdiscurso “destrona” a ideia de formação discursiva, não na perspectiva de desconstrução que Mazzola (2010) defende, mas na perspectiva de estar em uma posição acima do conceito elaborado por Foucault. De qualquer forma, não são duas ideias que se anulam, mas que se complementam.

Como falamos anteriormente, a terceira fase da Análise do Discurso vem para resolver as pendências que haviam sido deixadas pela primeira e segunda fases. De modo conclusivo, podemos dizer, novamente, que o sujeito conseguiu se desligar do assujeitamento e ter autonomia discursiva, de forma que não estivesse preso a apenas uma formação discursiva, uma vez que estas estão sempre se encontrando graças ao interdiscurso, que por sua vez se dá pelo entrecruzamento de vários discursos. Em outras palavras, o interdiscurso é a forma como o discurso funciona, uma vez que este último incorpora vários outros discursos já emitidos antes, afinal nenhum enunciado é inédito e todos os discursos se tratam de retomadas de discursos anteriores.

Podemos resumir tudo o que foi dito acerca das fases da AD se compararmos o quadro de cada uma delas: Na AD1, os discursos eram fechados em si, não muito polêmicos, estabilizados, logo, homogêneos, de forma que o outro fosse silenciado. O sujeito dessa fase era assujeitado e não era apto a ser a fonte do discurso, mesmo que já houvesse uma busca por isso. Na AD2, os discursos eram menos homogêneos e o papel do sujeito era determinado pela posição que ele ocupava, mesmo que este ainda fosse assujeitado às formações discursivas nas quais estava inserido. Por fim, na AD3, há o completo destravamento, já que qualquer discurso passa a ser apto a se tornar objeto de estudo, e graças ao interdiscurso, surge um discurso

heterogêneo, que torna o sujeito capaz de construir uma identidade pelo contato com diversos discursos de vários momentos diferentes da história.

Mesmo após a morte de Michel Pêcheux, a AD continuou a ser aprimorada e os conceitos continuam a ser lapidados até hoje. Foi capaz de sair da França e chegar ao Brasil um pouco depois do fim da ditadura militar (entendamos que uma teoria como a AD não seria bem aceita no país nas décadas de 60-70, vista que o seu próprio surgimento é marcado por uma revolução, por questionamentos, coisas que não eram permitidas no Brasil nas duas décadas citadas), logo garantindo chão com os teóricos Sírío Possenti, Eni Orlandi, entre outros.

1.2. MEMÓRIA DISCURSIVA, IDENTIDADE E OUTROS CONCEITOS IMPORTANTES

Cientes da trajetória que a AD percorreu, agora devemos explorar alguns conceitos importantes que devem ser considerados na metodologia de uma análise discursiva, como o próprio conceito de **discurso**, o de **identidade** e o de **memória discursiva**.

Vamos começar pensando no que foi dito no início deste trabalho e no decorrer dele, até o exato momento: o primeiro aspecto apontado neste capítulo foi a importância da Análise do Discurso, para logo em seguida fazermos uma reconstituição do caminho que a teoria trilhou para que chegasse ao que é hoje. Mesmo que as considerações sejam de relevância, ainda não são suficientes para que entendamos do que se trata, de fato, a AD. Para isso, precisamos ter noção de seu objeto de estudo e de sua metodologia, além de seus conceitos indispensáveis.

Ao introduzir uma discussão sobre a AD em *Análise do Discurso: Princípios & Procedimentos*, Orlandi (2007) fala sobre as várias maneiras de estudar a linguagem para em seguida apontar para uma necessidade emergente dos estudiosos de compreender as várias maneiras de se significar dentro da linguagem. Aponta, portanto, que essa necessidade faz com que eles passem a ver a língua de uma forma diferente, particular. Essa visão, por fim, viria a originar a Análise do Discurso. Após introduzir o assunto, a autora nos mostra qual o foco da teoria em questão:

[...] a primeira coisa a se observar é que a Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2007, p. 15-16).

Com a colocação de Orlandi e o que foi visto durante a trajetória da teoria que traçamos anteriormente, podemos reiterar que a AD rompe com o formalismo defendido por Saussure e

busca fazer um estudo da língua em uso — não em uma perspectiva funcionalista, mas na visão da produção de sentidos a partir do uso da linguagem.

Entendemos o discurso, então, como uma ação social, onde o sujeito é o agente principal e traz à tona a sua ideologia a partir da linguagem que está a seu favor, fazendo com que essa ideologia se materialize através de textos, sejam eles verbais ou não-verbais (FERNANDES, 2007, p. 14).

Gregolin (2007) coloca a Análise do Discurso como um campo que traz conceitos úteis para a análise de acontecimentos discursivos, “na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história” (p. 13). Esses acontecimentos discursivos promovem um encontro entre o que é atual e o que é memória, de forma que surjam ressignificações a partir desse encontro que se adaptem aos discursos do presente.

O conjunto de todas as informações contidas em um discurso gera diversos efeitos de sentido e isso ocorre porque os responsáveis pela sua enunciação não têm controle total do que vai ser encontrado pelos seus leitores — por isso o uso de diversos recursos na montagem de um discurso: anáforas, imagens, cores, etc. na montagem de textos midiáticos. Essa falta de garantia de compreensão pode acontecer com qualquer discurso, por isso diz-se “efeitos de sentido”, uma vez que o sentido ao qual o interlocutor vai chegar dependerá de sua vivência, de seu lugar na sociedade e na história. Fernandes (2007), em outras palavras, aponta o seguinte: “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam” (FERNANDES, 2007, p. 14).

Vale lembrar que todo discurso carrega uma ideologia, então a AD atua analisando não somente os efeitos de sentido que podem estar contidos em um discurso, mas também a ideologia que pode estar por trás dele e a forma como esse discurso pode vir a influenciar outros discursos, além da forma como os discursos são construídos para atingirem seu objetivo. Levando em conta todos esses fatores — e outros — que devem ser analisados, faz-se necessária a criação de uma metodologia para essas análises.

Os discursos são constituídos por condições de produção, ou seja, dependem destas para serem realizados. Orlandi (2007) nos mostra quais seriam essas condições de produção:

O que são pois as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a enunciação. Também a memória como produção faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental, como veremos

a seguir. Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2007, p. 30).

Portanto, as condições de produção são os “aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam ou determinam a produção do discurso” (FERNANDES, 2007, p. 19). É a partir dessas condições de produção que é criado um tipo de “filtro discursivo” que determina o que deve ser dito (ou não) em determinado momento da história.

Por sempre conter uma ideologia em si, o discurso nos leva a outra definição, a de sujeito discursivo. Se levarmos em conta as condições de produção de um discurso, seremos levados a pensarmos sobre as circunstâncias de enunciação, ou seja, o contexto da enunciação. Dessa forma, notamos que este contexto depende não somente de fatores externos como o contexto sócio-histórico ou ideológico, mas também de fatores internos ao sujeito, como a variedade de discursos que passam por ele e o transformam em sujeito discursivo, afinal, como aponta Fernandes (2007), esse sujeito discursivo é “um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro” (FERNANDES, 2007, p. 22). Sendo assim, o sujeito é constituído por diferentes vozes sociais, por diferentes discursos.

Na mídia, esse sujeito discursivo ganha uma proporção maior, já que pode alcançar muitos interlocutores ao mesmo tempo, por isso um dos principais focos da AD é o discurso midiático e o modo como esse discurso ecoa sobre seus interlocutores.

Possenti (2004), ao discutir sobre a visão da AD sobre o texto, o aponta como um elemento que não pode ser irrelevante, não se referindo a ele como um objeto linguístico, uma vez que a teoria desconsidera a ideia da língua como mero instrumento, mas explicando a relevância desse texto da seguinte forma:

Evidentemente, um texto não pode ser irrelevante para a AD, mas sua relevância decorre do fato de que cada texto é parte de uma cadeia (de um arquivo); decorre não de poder ser tomado como um texto, como uma unidade coerente de sentido, mas sim como uma superfície discursiva, uma manifestação aqui e agora de um processo discursivo específico. Aspectos como as relações internas entre elementos dos textos (anáforas, por exemplo), responsáveis por sua “coesão”, são relidos como intradiscursos, ou seja, como forma de linearização de um discurso e como efeito do interdiscurso, na medida em que o que se retoma não é apenas o que deve ser dito antes, no mesmo texto, mas o que pode ter sido dito em outros textos pertencentes ao mesmo arquivo (à memória da mesma FD). (POSSENTI, 2004, p. 364-365).

O autor ainda acrescenta que o fato de um texto fazer sentido para a AD não se dá pelo fato de sua relação com um contexto, mas pelo discurso contido neste texto estar inserido em uma Formação Discursiva, em função de uma memória discursiva e do interdiscurso, ambos retomados pelo texto (POSSENTI, 2004, p. 365). Sendo assim, o autor reforça a ideia de força que a mídia possui perante a sociedade. Aproveitando as considerações fornecidas neste ponto de nosso trabalho, faremos algumas considerações acerca da memória discursiva e suas definições.

Courtine foi o primeiro a falar sobre a memória discursiva. Ele a coloca não como a memória pessoal, nossas lembranças, mas sim como uma “existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos” (POSSENTI, 2004, p. 365). Sendo assim, diretamente ligada à ideologia e à história, podemos compreender essa memória discursiva como uma memória coletiva, que é ativada a partir de determinados discursos que são capazes de retomar ou refutar o já-dito, ou seja, enunciados passados.

Graças à possibilidade de conter diversos efeitos de sentido, um texto pode ativar memórias discursivas diferentes, de acordo com a ideologia que se encontra nele. Segundo Fernandes (2007), “um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, e mantém-se em contraposição a outros discursos” (FERNANDES, 2007, p. 43). Esse compartilhamento que gera a memória coletiva se dá através da interdiscursividade e questões e acontecimentos que se encontram fora e antes do texto. Portanto, quando se trata de informações fornecidas pela mídia, os leitores podem aceitar a informação de acordo com a sua ideologia, ou seja, o seu lugar na sociedade, tanto quanto podem refutar, resistir.

Em *Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades*, Gregolin (2007) nos mostra a amplitude da mídia, enquanto dialoga com a Análise do Discurso. Observemos:

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2007, p. 16).

Como a própria autora coloca, a mídia é a responsável por fazer uma mediação entre os seus leitores e a realidade. Com essas colocações, fica clara a influência da mídia nos discursos

de seus leitores, assim como na produção da identidade dos mesmos. Por ser capaz de fazer uma constante ponte entre passado e presente na sua distribuição de informações — sejam elas verbais ou não-verbais —, a mídia age permitindo que haja uma movimentação de sentidos a partir da movimentação constante da história (quando proporcionam aos leitores a possibilidade de retomadas de sentidos, por exemplo), assim, criando efeitos identitários. “Como os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, se digladiam, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários” (GREGOLIN, 2007, p. 17).

Esse aspecto colocado por Gregolin (2007) nos leva a pensar a respeito da identidade do sujeito pós-moderno, que está em constante movimento.

1.3.O CONCEITO DE IDENTIDADE

Em *A identidade cultural da pós-modernidade*, Hall (2005) nos mostra três diferentes concepções de identidade, sendo estas de períodos diferentes. Veremos, a seguir, quais eram essas concepções.

A primeira concepção que vemos é a do sujeito do Iluminismo, que consistia em um sujeito que já tinha dentro de si sua identidade enraizada, que já se manifestava ao nascimento e ia crescendo junto com o sujeito, sem que se tornasse outra identidade nesse percurso. É uma visão coerente da identidade do homem, uma vez que o Iluminismo é uma época marcada pelo antropocentrismo, ou seja, o abandono da ideia de que Deus é o centro do universo para o avanço da razão, o homem como o centro do universo. Esse homem do Iluminismo, portanto, por ter em si uma identidade tratada como um núcleo interior, era considerado um sujeito singular, único, o chamado sujeito individual.

A segunda concepção colocada por Hall diz respeito ao sujeito sociológico. Na descrição desse sujeito, já começamos a perceber que as questões identitárias começavam a se tornar mais complexas, tal como o mundo moderno, que ia se complexificando com o passar do tempo. Isso acontece porque, a partir dessa concepção, a identidade do sujeito começa a sofrer influências exteriores. A ideia de um núcleo interior ainda é mantida, porém os fatores externos ao sujeito começam a influenciar na construção de sua identidade. Nesta concepção, o sujeito se apropria de identidades culturais, as toma para si, de forma que essas identidades

“incrementem” o seu núcleo e ao mesmo tempo insira esse sujeito em um grupo de outros sujeitos que compartilham da mesma identidade cultural.

A terceira concepção é mais atual. Diz respeito ao sujeito pós-moderno e é esse sujeito que interessa à AD. Como pudemos acompanhar, o sujeito começa tendo em si uma identidade que nasce, cresce e morre com ele, para algum tempo depois conseguir ser capaz de relacionar seu interior e o exterior a ele para se integrar em uma identidade cultural — mesmo que ainda exista o núcleo individual, que o torna único. Nessa concepção, temos um sujeito fragmentado, que contém em si várias identidades, inclusive algumas contraditórias. O sujeito perde completamente uma possível identidade fixa e singular e passa a comportar em si mesmo diversas identidades ao mesmo tempo.

Sobre essa existência de várias identidades em um sujeito ao mesmo tempo, característica que marca o *status* da identidade no sujeito pós-moderno, Bauman (2005) diz:

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (BAUMAN, 2005, p. 19).

O autor diz acima que as identidades estão em constante negociação, para resolverem conflitos entre elas. Como conflitos podemos entender situações em que as identidades se chocam.

Parafraseando Castells (2010), Barreto (2014) aponta três tipos de formas e origens de construção de identidades, a identidade legitimadora, a de resistência e a de projeto:

A identidade legitimadora apresenta-se como formulação de condutas e padrões sociais introduzidas pelas instituições dominantes da sociedade com a finalidade de manutenção das relações de dominação e seu desenvolvimento. A identidade de resistência caracteriza-se por ser produzida através de posições desvalorizadas e através do estigma sofrido constrói princípios diferentes dos dominantes, demarcando outros espaços e lugares para além da subordinação; é considerada como a mais importante porque origina formas de resistência coletiva diante da opressão. A identidade de projeto ultrapassa a de resistência por construir uma nova identidade social a partir do substrato cultural que experimenta e altera as posições de mando, modificando, assim, as relações de poder dentro da sociedade. (BARRETO, 2014, p. 98).

Podemos então considerar que esse jogo de identidades não envolve só relações de conflito entre elas, mas também relações de poder. Como no caso da identidade nacional, que

apesar de buscar uma unificação dos membros de determinada nação através de uma identidade cultural, acaba desconsiderando a mescla de povos existentes em uma nação decorrente de conquistas (violentas em alguns casos). Nas palavras de Hall (2005), “cada conquista subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada” (HALL, 2005, p. 60). Visto isso, é natural que membros de determinada nação descendentes de povos conquistados acabem por procurar sua cultura “perdida” para preservá-la. Além disso, uma nação também acaba sendo fragmentada por classes sociais, gênero, etnias, de forma que sempre haja uma identidade dominante. Essa identidade dominante é o que Barreto (2014) coloca como identidade legitimadora, a maioria. Em sociedades europeias, por exemplo, teríamos como identidade legitimadora o grupo de sujeitos de classe média, brancos, heterossexuais. Dessa forma, em segundo plano, ou seja, resistindo à cultura que nasce dessa identidade dominante, estão colocadas as minorias, ou seja, as identidades de resistência. Através da luta dessas minorias pela preservação de suas identidades, surgem as identidades de projeto, que buscam dar espaço a essas minorias dentro da sociedade.

Um dos maiores e mais significativos exemplos de resistência ocorreu nos Estados Unidos, com a eleição de Barack Obama, o primeiro presidente negro do país. Neste contexto, temos um país que até então tinha recebido apenas presidentes brancos de origem mais burguesa, ou seja, havia uma identidade dominante em questão — não é só esse fator que comprova, mas usamos ele como exemplo em favor do contexto. Sujeitos pertencentes a essa identidade dominante acabaram por se dividir (entra aqui a ideia de sujeito fragmentado, que contém várias identidades se conflitando dentro de si) e se encontrarem com sujeitos de identidades de resistência pela identificação política. Em outras palavras, pela preservação de uma identidade nacional, a maioria da população dos EUA (negros, brancos, homens, mulheres, homossexuais, heterossexuais) optou por eleger um presidente negro. A partir de sua eleição, Obama, como um sujeito inserido etnicamente em uma identidade de resistência naquele país, começou a trabalhar em projetos que visavam dar uma melhor qualidade de vida às minorias estadunidenses.

Há, portanto, diversas formas de resistência nas sociedades atuais, na luta pela preservação de suas identidades. O movimento feminista, assim como o movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e o movimento negro têm ganhado bastante força nos dias atuais e conquistado muitos direitos. Visando acabar com desigualdades existentes há muito tempo na história e buscando igualar o tratamento das

minorias na sociedade, há as ações afirmativas, que garantem, por exemplo, cotas para estudantes negros nas universidades e a união estável entre pessoas do mesmo sexo. Como o nome sugere, as ações afirmativas são políticas que buscam mudar o *status* de minoria afirmando as identidades de resistência, tentando colocá-las no mesmo nível das identidades dominantes.

Considerando esses tipos de identidades em um nível maior que contribuem para construir identidades em um nível menor, além do caráter mutável da identidade que tem tornado o sujeito pós-moderno fragmentado, além das relações de poder que ditam uma identidade maior dominante na nossa sociedade, voltamos a falar sobre a mídia e sua forma de concretizar ideologias através de seus discursos contidos em textos (verbais ou não-verbais).

Reiterando, Gregolin (2007) afirma que a mídia age como mediadora entre seus leitores e a realidade, porém diz em seguida que “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN, 2007, p. 16). Em outras palavras, o texto midiático oferece recursos ao leitor para que este se identifique com o que lê — assim com resista às informações ou as refute. O que acontece é que a mídia⁴ acaba influenciando os sujeitos no que diz respeito à produção de identidades. Essa influência acaba movimentando os conflitos identitários dos sujeitos, que acabam não atendendo aos requisitos ditados da mídia e tentam se moldar para se encaixarem no padrão. De qualquer forma, este comportamento não chega a configurar uma identidade falsa, afinal “não há ‘falsas identidades’, pois não há uma única verdadeira. Todas são construções discursivas e, portanto, passageiras” (GREGOLIN, 2007, p. 24). Portanto, voltamos a lembrar que a mídia tem a capacidade de agir na produção de identidades que compõem a história do presente.

Cabe, portanto, ao analista do discurso, detectar as ideologias contidas nos vários discursos, buscando perceber de que forma essas ideologias podem vir a influenciar as verdades e as identidades que estão presentes em uma sociedade.

⁴ Vale lembrar que nos referimos às mídias de grande circulação, que ditam como ser, o que fazer, etc.

CAPITULO II – OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NO TEXTO SINCRÉTICO

No capítulo anterior, levantamos discussões acerca da natureza do discurso (nenhum discurso é transparente: sempre há uma ideologia por trás do que é dito), dos efeitos de sentido que ele pode produzir (lembrando que o sentido produzido pelo interlocutor depende de suas próprias experiências, dos discursos que o constituíram enquanto sujeito), da memória discursiva que ele pode ativar (fator também importante para que se alcance alguns dos sentidos de um dado discurso, uma vez que busca em outros momentos da história discursos que correspondem à ideologia do sujeito, dando a ele o poder de aceitar, refutar ou resistir a um determinado discurso) e das questões identitárias que o rodeiam, uma vez que os efeitos de sentido comportados em um discurso oferecem a possibilidade de identificação ao interlocutor (assim como oferecem possibilidades de resistência, que podem levar o interlocutor a uma busca pela afirmação de sua identidade). Diante de tais discussões, fizemos uma relação entre esses conceitos e a mídia, já que estas funcionam como “alto-falantes discursivos”, pela sua capacidade de espalhar seus discursos (logo sua ideologia) para um número significativo de pessoas ao mesmo tempo. Neste capítulo, portanto, traremos as discussões feitas até então para o nosso *corpus*, as histórias em quadrinhos.

Antes de começarmos a falar sobre o gênero **histórias em quadrinhos**, vale lembrarmos que a Análise do Discurso atualmente produzida permite que se tome qualquer texto como objeto de estudo. Com isso, é permitida a análise de elementos verbais e não-verbais. Isso se dá graças ao fato de que as imagens, assim como os textos puramente verbais, também possuem um discurso que, por excelência, guarda uma ideologia. Nesse processo, a construção de sentidos a partir de imagens, cores, expressões, etc. vai sendo feita considerando questões históricas, sociais e ideológicas, ou seja, há uma retomada do já-dito e a adequação ao público, que ocorre depois de uma “moldagem ideológica” que junta história e ideologia para gerar informações no presente, compatíveis com a formação discursiva do enunciador e de seu interlocutor.

Dentre os diversos efeitos de sentido que um discurso é capaz de produzir, podemos dizer que há dois lados que se destacam no discurso: o positivo, em que os discursos influenciam os sujeitos afirmando suas identidades, e o negativo, em que esses discursos são feitos para gerar um padrão, ou para servirem como mecanismos de vigilância, que buscam estipular um padrão na sociedade e corrigir os que estão fora dele (principalmente nos discursos

mediáticos). Podemos interpretar como mecanismos de vigilância⁵, por exemplo, uma revista cuja capa é uma modelo de corpo definido, acompanhada por uma citação referente à dieta que esta modelo está fazendo para manter o corpo da foto (muitas vezes editado para estipular padrões de forma mais precisa). É possível interpretar essa situação como um método de vigilância uma vez que um padrão (o corpo perfeito da modelo) é estipulado e torna-se objetivo pelas leitoras que tentam se adaptar para o alcançarem. Não apenas isso: pessoas fora do padrão de beleza proposto por esse tipo de mídia começam a ser julgadas nas ruas, a sofrerem preconceito, até que se corrijam e enfim se adequem ao padrão (vale lembrar que há a possibilidade de resistência da parte do interlocutor.).

Como já havíamos mencionado, há também o lado positivo do discurso, que busca afirmar identidades. Mesmo havendo esses dois lados do discurso, o que vai ser internalizado depende do sujeito que o recebe, afinal, graças aos vários efeitos de sentido contidos nele e aos discursos que interpelaram o interlocutor em sujeito durante sua vida, há a possibilidade de um interlocutor *x* se identificar com determinado discurso, enquanto um interlocutor *y* resiste a ele. Essa divergência vai ser baseada na formação discursiva de cada interlocutor. Sendo assim, podemos fazer algumas considerações acerca do **texto sincrético**, que como todo texto, é produzido a partir de um dado discurso e produz efeitos de sentido.

Um texto sincrético possui várias linguagens que interagem entre si. Em outras palavras, o texto sincrético não se encerra na linguagem verbal: ele dialoga, em sua composição, com a linguagem visual, com a sonora, com a gestual, etc.⁶ Sendo assim, o texto sincrético é um texto que promove uma comunicação interna entre sons, imagens, palavras e expressões, que são transmitidas em harmonia (ou não), como um todo significante, aos leitores/espectadores/interlocutores. Também podemos dizer, usando outras palavras, que é um texto que junta várias linguagens para se concretizar em um gênero do discurso. Dentre as diversas formas de texto sincrético, estão o cinema, a Libras (Língua Brasileira de Sinais), as charges, as tirinhas, os mangás, as *comics*, entre outras.

As histórias em quadrinhos, por exemplo, se encaixam na categoria texto sincrético, uma vez que possuem em sua composição a linguagem visual (personagens desenhados, figuras que auxiliam na formação de sentidos do todo) e a linguagem verbal — esta aparece de várias

⁵ Questões acerca de mecanismos de vigilância e relações de poder foram formuladas por Michel Foucault e discutidas em *Vigiar e Punir* (1987).

⁶ Não necessariamente todo texto sincrético vai reunir linguagem visual, sonora, verbal e gestual. Ainda é um texto sincrético se possuir linguagem verbal e visual (histórias em quadrinhos), gestual e visual (no caso da Libras – Língua Brasileira de Sinais), sonora, visual e gestual (cinema).

formas: pode representar pensamentos, falas, descrições, etc., trabalhando juntas a fim de construir um significado. Da mesma forma que as HQs, outros gêneros como a charge e a tirinha também se configuram como textos sincréticos verbo-visuais. Veremos, a seguir, ao mesmo tempo em que demonstramos como funciona o processo de identificação nos seguintes gêneros, a forma como funciona a pluralidade de linguagens nos mesmos e como essas linguagens se unem para formar efeitos de sentido que podem gerar negatividade ou positividade, considerando a interação entre autor, texto e leitor.

2.1 CHARGES

As charges são geralmente resumidas em um quadrinho e são marcadas pelo exagero, pelas caricaturas das figuras que estão sendo representadas. Têm a intenção de fazer uma crítica social, política, histórica, usando o humor para esse objetivo. O discurso da charge deve ser buscado nos elementos visuais e verbais contidos nela. Tendo essa função de criticar algum aspecto da sociedade ou da política, a charge requer retomadas da parte do leitor, para que o humor possa ser apreendido. Em uma breve análise, mostraremos como funciona a charge:



Imagem 1 – Charge de Latuff⁷

Se fizermos retomadas para chegarmos ao sentido das informações visuais e verbais, conseguiremos entender a ideia da charge, como funciona o humor dela. A charge apresenta uma representação da revista *Veja*, com braços e pernas, sentada em uma cadeira de balanço, segurando um tucano azul que, por sua vez, segura um trem de brinquedo, com os dizeres

⁷ Disponível em: <<https://latuffcartoons.files.wordpress.com/2013/08/veja-e-o-trensalaogif>>. Acesso em: 22 maio 2017.

“trensão”. Há um balão que representa a fala da revista *Veja*: “Caaalma, que eu te protejo...”. O tucano azul representa o PSDB, o Partido Social da Democracia Brasileira, que está envolvido em vários esquemas de corrupção. O trem na imagem com os dizeres “trensão” retoma a memória do “mensalão”, e faz referência à formação de cartel em licitações do sistema de trens e metrô de São Paulo, ocorrida no governo também do PSDB. A imagem da revista *Veja* passada pela charge é a de uma figura materna cuidando e protegendo seu filho. Podemos entender isso pela forma como o balão de fala é construído (reticências e a forma cuidadosa de falar que é demonstrada pela quantidade de “a”s na palavra “calma”), pela cadeira de balanço e pela forma como a figura da revista segura o tucano azul no colo. Com mais retomadas, ligamos o todo da imagem ao fato de a revista *Veja* estar, em boa parte do tempo, fazendo capas e manchetes relacionadas ao PT, o Partido dos Trabalhadores, principal oposição do PSDB. Por fim, analisando todo o conjunto de imagens, podemos chegar ao que quer dizer o enunciador da charge: “Apesar de envolvido em esquemas de corrupção, o PSDB é protegido da revista *Veja*”.

Notamos, a partir da análise acima, que a posição ideológica do enunciador da charge fica clara: certamente o enunciador defende as ideias de um partido oposto ao PSDB e resiste à forma como a *Veja* constrói suas notícias apontando os erros, em maioria, do PT. Com isso, os efeitos de sentido que essa charge pode gerar são inúmeros, entre eles, pode haver a concórdia do interlocutor, a resistência do mesmo ou a refutação (no caso de esse interlocutor concordar com as ideias do PSDB e da *Veja*, opondo-se, portanto, à ideia do enunciador da charge). Também há a possibilidade de o interlocutor não conseguir fazer as retomadas necessárias para o entendimento da charge. Neste caso, a proposta do enunciador não será alcançada por esse interlocutor. Ou seja, o sentido da charge é definido pelos discursos que perpassam o leitor, uma vez que eles podem ou não ser suficientes para a que se chegue à ideia geral.

Outra coisa que podemos observar é a forma como diversos discursos se unem, formando um maior. Para termos entendido a *charge*, precisamos fazer várias retomadas, ou seja, buscar no interdiscurso as referências necessárias para a compreensão dos diversos discursos que formam o discurso geral.

A charge é um gênero diretamente ligado à mídia, uma vez que suas informações buscam produzir sentido e humor através de fatos relatados em telejornais, revistas, jornais, entre outras mídias. Outros subgêneros das histórias em quadrinhos (exceto a tirinha) não têm uma ligação tão direta com a mídia quanto as charges, como veremos a seguir.

2.2 TIRINHAS

Dentre os gêneros verbo-visuais com formato semelhante às histórias em quadrinhos, apenas a tirinha e a charge são de certa forma ligados à mídia, uma vez que estão contidos nela como um suporte. A charge, como falamos anteriormente, é ligada porque busca elementos dados na mídia para construir significados a partir do humor. A tirinha, por sua vez, tem como objetivo principal o entretenimento do leitor, nem sempre por críticas sociais e políticas que geram humor (como ocorre nas charges), mas está ligada à mídia porque está contida nela. É comum que encontremos tirinhas em jornais e revistas, em uma seção específica para elas. É o momento da revista onde o leitor tem a possibilidade de descansar da “leitura pesada” e ter uma leitura regada por humor — mesmo que em alguns casos haja críticas sociais sutis. Geralmente apresenta um personagem fixo que dialoga com outros secundários sobre diversas questões.

Em questão de formato, a tirinha se diferencia da charge por conter mais quadrinhos e por ter mais diálogos. A proposta é a mesma: ativar o humor do leitor, em alguns casos, a partir de críticas sociais. Observemos a tirinha abaixo:



Imagem 2 – Tirinha de Quino - Mafalda⁸

A tirinha apresenta um diálogo entre Mafalda, personagem clássica das tirinhas de Quino, dialogando com seu amigo. A conversa entre eles deixa entendido que há uma pessoa doente na casa de Mafalda. O garoto dá palpites de quem estaria doente, mas ela refuta todos. No quarto e último quadrinho da tirinha, vemos Mafalda e o amigo olhando um globo terrestre em um leito, o que nos leva a entender que a Terra é quem está doente. A construção da tirinha e as expressões dos personagens são muito importantes para que notemos que a garota está triste com a situação do mundo.

⁸ Disponível em: <<https://generoclandestino.files.wordpress.com/2016/03/tirinha-planeta-doente.jpg>>. Acesso em: 22 maio 2017.

Assim como nas charges, a tirinha de Mafalda usada como exemplo requer uma retomada de informações, para que se chegue a sentidos. Nesse caso, podemos atribuir a “doença da Terra” a vários fatores possíveis: a poluição, as guerras por intolerância religiosa em algumas partes do mundo, a própria sociedade que se apresenta “corrompida” nos dias atuais, entre outros significados, que como sempre reiteramos, vai depender do sentido ao qual o leitor chegar, baseado em suas retomadas e na interação entre texto, autor, leitor e condições de produção.

Uma coisa interessante a se observar é que a tirinha podia ser uma charge caso se resumisse apenas ao último quadrinho. Teria recursos visuais o suficiente para manter o sentido da tirinha, mesmo se os três primeiros quadrinhos fossem deixados de lado. Porém, vale lembrar que uma das características da tirinha é a presença de personagens fixos. O último quadrinho não seria suficiente para mostrar a personalidade da personagem Mafalda, portanto há esse pequeno desenvolvimento a partir de falas, gestos e expressões no decorrer da tirinha.

Ainda comparando à charge, podemos ver que o tipo de crítica social aparenta ser menos pesada e de cunho menos político. Trata-se de uma questão geral, de forma não tão exagerada quanto na charge, usando de menos recursos para chegar a esse objetivo. O humor não é tão rebuscado quanto na charge: requer menos referências específicas para que o leitor possa chegar aos sentidos. O ponto em comum entre elas é a crítica social e a presença de ironias, que pode ser encontrado nos dois gêneros.

Reiteramos que os gêneros seguintes não possuem uma ligação tão direta com a mídia e são mais focados no entretenimento, mesmo que sejam bastante precisos na retomada de memórias discursivas, trazendo-as para o presente, e na afirmação de identidades. Mostraremos, a seguir, um exemplo do texto sincrético em forma de mangá e as histórias em quadrinhos de super-heróis, onde residem nossos *corpora*.

2.3 MANGÁS

O mangá é uma forma de histórias em quadrinhos um pouco diferente das HQs com as quais estamos habituados. As diferenças mais notáveis entre os dois são a forma de leitura — o mangá é lido da direita para a esquerda — e a escala de cores — o mangá geralmente é preto e branco, salvo a capa e algumas páginas especiais.



Imagem 3 - Uma capa do mangá Kimi ni Todoke⁹

É um tipo de história em quadrinhos vindo diretamente do Japão (por isso a diferença na forma de leitura) e aborda diversos temas, não apenas super-heróis. Possuem diferentes públicos-alvo: os mangás *shonen*, por exemplo, tem como principais leitores garotos adolescentes e contém, em sua maioria, histórias de outros garotos adolescentes que se tornam heróis de alguma forma. Já os mangás *shoujo* têm como público-alvo garotas adolescentes. Na maioria das vezes possuem como conteúdo histórias românticas, focadas na vida de uma garota adolescente e seu relacionamento com algum rapaz de sua escola. A imagem 3 é um exemplo de mangá *shoujo*.

O processo de identificação em um mangá é bem marcado, mais preciso do que o das charges, das tirinhas ou até mesmo das *comics*. Os significados produzidos pelos mangás dentro de seus gêneros trazem, na maioria das vezes, os elementos necessários para que a identificação por parte do público-alvo ocorra com mais facilidade. Na maioria dos casos, se mantêm próximos à zona de conforto, para não terem as vendas prejudicadas por algum choque em seu público-alvo. De qualquer forma, mesmo mantendo-se em sua zona de conforto, os mangakás, isto é, os criadores de mangás, conseguem afirmar identidades através dos discursos de suas obras. O leitor de mangás, por exemplo, ao se identificar com um protagonista e presenciar no decorrer da obra o desenvolvimento desse personagem, pode passar a acreditar que também pode ter um desenvolvimento, se tornar mais forte ou ser capaz de alcançar seus objetivos.

⁹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kimi_ni_Todoke#/media/File:Kimi_ni_Todoke_vol_1.jpg>. Acesso em: 24 maio 2017.

Frases partidas de um personagem podem ser internalizadas pelo leitor e tomadas como motivação.

Há um tempo os mangás vêm ganhando espaço no ocidente e deixando suas marcas, como no caso da Turma da Mônica Jovem, uma história em quadrinhos que retrata os clássicos personagens de Mauricio de Sousa já jovens, desenhados a partir de traços semelhantes aos do mangá. Apesar de o método de leitura ser o mesmo com o qual estamos acostumados, o traço dos personagens e as cores seguem o estilo do mangá, além das retomadas feitas na história, as expressões e a linguagem dos personagens fazerem referência aos quadrinhos japoneses.

2.4 COMICS

As *comics*, como são chamadas as histórias em quadrinhos nos Estados Unidos, têm uma longa trajetória, começada no fim do século XIX. Apesar disso, as histórias de super-heróis só vieram surgir no século XX, no final da década de 30. A trajetória das *comics* de super-heróis é dividida em fases, sendo elas:

- A Era de Ouro (1938), que começa a partir da circulação da revista *Action Comics*. Aparece, neste momento, o primeiro super-herói, o Superman, que serviu como estopim para o surgimento de novas histórias de super-heróis. Durou até a metade da década de 40 e se encerrou com o fim da Segunda Guerra Mundial, quando os super-heróis começaram a perder popularidade e darem espaço para outros tipos de *comics*, continuando em circulação apenas heróis como Mulher Maravilha, Batman e Superman;
- A Era de Prata (1956), momento em que os super-heróis voltam a emergir e novos personagens marcantes surgem, como o Lanterna Verde. Foi uma época importante para as editoras Marvel Comics e pela DC Comics, famosas ainda nos dias atuais. É uma etapa em que os heróis passam a ser mais humanizados e se aproximarem mais de seus leitores, a partir de problemas sociais e psicológicos projetados neles, os trazendo para um contexto existente no mundo real;
- A Era de Bronze, um período das *comics* marcado por anti-heróis, como o Motoqueiro Fantasma, por um *rework* nos personagens antigos (Batman, por exemplo) e pela exploração de um lado mais obscuro das histórias em quadrinhos, como a questão das drogas e a morte de personagens importantes;
- E a Era Moderna, período atual das *comics*, em que os quadrinhos já não vendem na mesma proporção de algumas décadas atrás, porém possuem bastante influência no

mundo jovem através de adaptações dos super-heróis em filmes, séries, desenhos animados¹⁰, etc.



Imagem 4 - Uma das capas da *comic* Vingadores¹¹

Como podemos observar na imagem 4, as *comics* de super-heróis possuem um tom mais sério e apresentam um desenho mais detalhado, seja em questões de sombreamento, seja em questão de anatomia dos personagens. Essas *comics* têm um estilo que visa atrair mais o público jovem e adulto, mesmo que com as adaptações para os jogos e para o cinema o público infantil também possa vir a se interessar (vale lembrar que algumas *comics* possuem classificação indicativa). Comparadas aos mangás, é possível que notemos que as *comics* possuem um traço mais detalhado, que se assemelham mais aos traços humanos reais, além de possuírem cores. Como nos mangás, as *comics* também usam recursos verbais para representarem sons, como “Pow”, para representar uma pancada, por exemplo.

¹⁰ Mesmo antes da Era Moderna dos Quadrinhos já existiam adaptações para os quadrinhos, portanto elas não são exclusividade do período moderno, mesmo que tenham ganhado mais força nesta época.

¹¹ Disponível em: <https://static.omelete.uol.com.br/media/filer_public/96/38/963868fd-126b-49c5-a71a-6ef3e608791a/avengers-millennium-1-capa.jpg>. Acesso em: 25 maio 2017.

Com o passar dos anos, foi possível notar que as *comics* de super-heróis passaram a apresentar personagens mais próximos à realidade de seus leitores, como já havíamos dito anteriormente. Isso é importante se formos pensar nas questões identitárias acerca desse gênero. Uma vez que aceitamos o vasto universo de heróis dessas histórias em quadrinhos e consideramos a grande quantidade de pessoas que leem essas histórias, podemos defender que há várias identidades a serem representadas e várias formas de o leitor se identificar com determinados personagens. Como exemplo, usaremos o Capitão América, que pode ser tido como uma grande representação da identidade nacional:



Imagem 5 - Imagem do Capitão América¹²

Vários elementos deste personagem enaltecem a identidade nacional estadunidense: As cores e detalhes da vestimenta remetem às cores e aos detalhes da bandeira dos Estados Unidos, o que reforça a ideia de respeito e honra à bandeira do país, o patriotismo. A própria imagem do herói e o fato de o personagem carregar a bandeira nas vestimentas nos mostra que o discurso visual quer dar a ideia da força que os Estados Unidos têm. A imagem em questão também mostra o Capitão América prestando continência, o que de certa forma pode fazer com que o leitor pense no personagem como um soldado. Ligando essa imagem ao resto dos elementos, o sujeito receptor do discurso, a partir de uma memória discursiva, pode fazer uma retomada e pensar na eficiência do exército dos EUA. Esse pensamento é reforçado quando consideramos o título militar contido no nome do herói, “Capitão”. O personagem em questão é branco, tal

¹² Disponível em: <<http://thegeekverse.com/wp-content/uploads/2013/09/ultimate-captain-america-by-brian-hitch.jpg>>. Acesso em: 25 maio 2017.

como a maior parte do povo estadunidense, o que auxilia no processo de identificação por parte dos interlocutores. Sendo assim, podemos defender que o Capitão América possui em sua composição vários elementos que afirmam e enaltecem a identidade nacional.

A variedade de identificações possíveis dentro das *comics* de super-heróis permite também a afirmação de identidades, mesmo que algumas dessas afirmações se deem apenas pelo fato de essas identidades estarem sendo representadas dentro das histórias. Esse é o caso dos personagens Wiccano e Hulkling, heróis integrantes dos Jovens Vingadores que têm uma relação homoafetiva:



Imagem 6 - Hulkling e Wiccan¹³

A relação homoafetiva entre esses dois heróis, ilustrada na imagem 6, pode vir a ser resistida por leitores que não concordam com esse tipo de relacionamento. Contudo, pode afirmar a identidade de leitores que façam parte do movimento LGBT ou de simpatizantes do movimento. Isso se dá porque até certo momento da história, uma representação como essa sequer era cogitada, porém, podemos entender, a partir da relação afetiva permitida entre dois personagens do mesmo sexo em uma *comic* que atinge um grande número de pessoas, que as lutas do movimento LGBT, de alguma forma, estão tendo retorno. Neste ponto, é nítida a humanização dos heróis sobre a qual comentamos anteriormente, uma vez que questões de orientação sexual são questões que aproximam o contexto da HQ ao contexto do leitor, se identificando ou não com a representação.

¹³ Disponível em: <<http://comicsalliance.com/files/2012/03/untitled-1-1331241894-1331242175.jpg>>. Acesso em: 26 maio 2017.

Na questão da luta pela afirmação de identidades, podemos destacar dois personagens recentes que reforçam essa luta: Miles Morales, o Ultimate Homem-Aranha e Kamala Khan, a nova Miss Marvel. Juntos, eles conseguem afirmar a identidade negra, a identidade muçulmana e a identidade feminina, substituindo heróis bastante conhecidos e até então contidos nos padrões da identidade legitimadora americana.

No capítulo seguinte, analisaremos as diferenças entre o antigo Homem-Aranha Peter Parker e Miles Morales, o Ultimate Homem-Aranha, e entre a Miss Marvel Carol Danvers e Kamala Khan, a sua sucessora.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES EM MILES MORALES E KAMALA KHAN

Como foi mostrado anteriormente, um texto é sincrético quando possui mais de uma linguagem contida nele, linguagens estas que dialogam entre si na intenção de formarem um sentido maior. Além disso, pode conter vários tipos de linguagens em si ou ser apenas verbo-visual. Constatamos também que, mesmo contendo apenas duas formas de linguagem, textos verbo-visuais como as charges, as tirinhas, os mangás e as *comics* são ricos no que diz respeito ao discurso contido neles, uma vez que podem produzir diversos efeitos de sentido (como já dissemos anteriormente, o sentido alcançado pelo interlocutor dependerá de sua formação discursiva) e desencadear processos de identificação, uma vez que a posição discursiva do leitor vai permitir que ele se identifique ou não com o discurso de um texto (seja ele sincrético ou não). Levando esta última parte em consideração, buscamos mostrar como funcionava esse processo de identificação nas HQs através de exemplos, que nos trouxeram até este ponto do trabalho, onde analisaremos um pouco mais profundamente os personagens Miles Morales, o Ultimate Homem-Aranha e a personagem Kamala Khan, a nova Miss Marvel, em contraste aos seus antecessores, Peter Parker, o antigo Homem-Aranha e Carol Danvers, a antiga Miss Marvel.

Para que possamos perceber as mudanças nestes personagens, além de questões identitárias, precisamos observar o momento na história onde estes personagens estavam inseridos, para que possamos perceber quais motivos podem ter sido significativos para que houvesse essa mudança, afinal o discurso se ressignifica com o passar do tempo, passando a produzir novos efeitos de sentido de acordo com o momento da história, com os sujeitos envolvidos e com suas formações discursivas. Nas palavras de Fernandes (2007), “As alterações político-ideológicas nos discursos decorrem da mudança de sujeitos em cena, ou da transformação dos sujeitos na linha do tempo, o que implica mudanças no espaço social” (FERNANDES, 2007, p. 44). Considerando essa assertiva, os conceitos de Hall (2005), de Barreto (2014) e os conceitos discutidos até então neste trabalho, iremos analisar os personagens supracitados através de alguns recortes de suas histórias.

Partindo do pressuposto de que para analisar os personagens mais recentes, precisamos passar primeiro pelos seus antecessores, iremos começar nossa análise pelo personagem Peter Parker, para em seguida sermos capazes de notar o que mudou entre ele e Miles Morales, o

novo Homem-Aranha. Em seguida, faremos o mesmo com a personagem Carol Danvers, para em seguida analisarmos o que mudou entre ela e Kamala Khan, a nova Miss Marvel.

3.1. PETER PARKER

O primeiro e mais conhecido Homem-Aranha, Peter Parker, é um personagem que ficou bastante popular entre os jovens. Sua origem é diferente da de personagens como o Superman, por exemplo, que é uma existência alienígena cheia de poderes e que beira a invencibilidade. Peter Parker era apenas um jovem humano comum que vivia com os tios Ben e May, em um lugar simples em Nova York. Sua vida só mudou a partir de uma exposição sobre radiologia em que foi com a sua turma da universidade, quando foi picado por uma aranha radioativa e desenvolveu habilidades semelhantes às de uma aranha, como força, capacidade de escalar paredes, agilidade, etc.



Imagem 7 - Momento em que Peter Parker é picado pela aranha radioativa¹⁴

A aparência do primeiro Peter Parker na imagem 7 nos mostra que o personagem não era nada além de um garoto normal e aparentemente estudioso (podemos fazer uma inferência acerca dessa característica se observarmos a forma como ele se veste: óculos redondos, cabelo penteado para trás e uma roupa de mangas longas com um colete e uma gravata, roupas que marcaram o estereótipo de uma pessoa *nerd*). Esse fator pode ser interpretado como uma estratégia para fazer com que o leitor daquela época (a primeira aparição do Homem-Aranha ocorreu no ano de 1962) pudesse se identificar com o herói. Como é uma HQ antiga, que circulou no começo dos anos 60, é notável um traço menos detalhado do que os traços das *comics* atuais, como veremos a seguir.

¹⁴ Disponível em: <<https://kanto.legiaodosherois.com.br/w750-h1200/wpcontent/uploads/2014/09/spider-man-peter-parker-radioactive-spider-bite-origin.png>>. Acesso em: 28 maio 2017.

Se pensarmos na ideia de que um sujeito se constitui de várias identidades, como aponta Hall (2005), somos capazes de notar que Peter Parker se tornou rapidamente popular porque era capaz de causar identificação não apenas a um tipo de jovem – o jovem estudioso, *nerd* –, mas continha em sua personalidade características que levavam diversos jovens a se identificarem com ele. Em outras palavras, os jovens que não se identificassem com o estilo visual do personagem teriam outras coisas para se identificarem, como sua personalidade tímida e insegura. Essa identificação se reforça quando Peter Parker vai de um garoto normal a um super-herói, o Homem-Aranha. Os jovens que já se identificavam com o personagem, podem começar a tê-lo como uma inspiração, seguindo a ideia de que um jovem *nerd* comum e inseguro pode se tornar um herói (mesmo que a expressão “se tornar um herói”, neste caso, não siga ao pé da letra a ideia do contexto da *comic* e tenha um significado semelhante a “se tornar importante para as pessoas através de suas habilidades/competências”). Essa inspiração é reforçada pela personalidade segura que o personagem apresenta: enquanto combate o crime, Peter Parker apresenta uma personalidade descontraída e bem-humorada, mesmo que não perca seu senso de responsabilidade. Abaixo, na imagem 8, podemos ver Peter Parker como Homem-Aranha:



Imagem 8 - Peter Parker como Homem-Aranha¹⁵

Não é apenas o fato de Peter Parker ser um jovem estudioso fora de sua fantasia de herói que permite que o leitor se identifique com ele. O personagem é capaz de fazer com que o leitor se identifique porque é um personagem humano, que tem um emprego, relacionamentos, amizades e problemas como a maioria das pessoas comuns. De certa forma, o discurso contido

¹⁵ Disponível em: <<http://www.marvel616.com/2012/08/ultimate-homem-aranha-uma-historia.html>>. Acesso em: 28 maio 2017.

no personagem de que “é possível ser uma pessoa normal e ainda ser um herói” reforça o processo de identificação pelo qual o leitor passa enquanto lê e absorve os sentidos produzidos pela *comic*.

Reforçando a ideia de que os discursos vão se modificando na medida em que a história avança, vale dizer que várias outras HQs do mesmo herói foram lançadas desde o primeiro volume, mostrando novamente a história desde o começo, abordada, em alguns casos, de ângulos diferentes – inclusive algumas dessas HQs são consideradas parte de um universo alternativo. Com isso, a aparência do personagem Peter Parker foi se alterando para que a identificação ainda fosse possível mesmo com o passar do tempo, afinal o objetivo do herói de fazer com que os jovens se identificassem com ele tinha que ser mantido, mesmo em momentos diferentes da história. Nas imagens abaixo, podemos ver a evolução gráfica do personagem que ocorreu com o passar dos anos:



Imagem 9 – Primeira versão de Peter Parker nos quadrinhos¹⁷



Imagem 10 – Versão Ultimate de Peter Parker¹⁶

A imagem 9 mostra o primeiro Peter Parker, desenhado em 1962, enquanto na imagem 10 está o Peter Parker do Universo Ultimate, um dos universos mais recentes em que o herói aparece. Vale reiterar: não foram apenas os recursos gráficos que foram atualizados desde a primeira *comic* do Homem-Aranha até a última. Com o passar dos tempos, os discursos também

¹⁶ Disponível em: <https://vignette4.wikia.nocookie.net/marveldatabase/images/f/f4/Peter_Parker_%28Earth-1610%29_from_Miles_Morales_Ultimate_Spider-Man_Vol_1_1_002.jpg/revision/latest?cb=20151018180225> Acesso em: 28 maio 2017.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.reviewingcomics.com/marvel/amazing-spider-man-1963/amazing-spider-man-3/>>. Acesso em: 28 maio 2017.

mudam, mesmo que mantenham o enredo, o mesmo é adaptado para uma realidade mais recente.

Levando agora em consideração o que falamos anteriormente sobre as diversas versões existentes do Homem-Aranha e sobre a constante necessidade de ressignificação do discurso, mostraremos agora o novo Ultimate Homem-Aranha, Miles Morales, um personagem que não busca apenas causar identificação por parte do leitor, mas afirmar uma identidade, dar atenção a um movimento, o movimento negro.

3.2. MILES MORALES

Essa versão do Homem-Aranha ainda não é tão conhecida e tão popular quanto a sua antecessora, afinal, há todo um *marketing* voltado para o personagem Peter Parker, uma vez que o mesmo não reside apenas no mundo das *comics* e já está adaptado em filmes e desenhos animados. Enquanto Parker teve sua origem no ano de 1962, Miles Morales surge pela primeira vez em 2011, aproximadamente 49 anos de diferença. Com tão pouco tempo de história, é esperado que Morales não tenha tanta popularidade, porém não podemos deixar de ressaltar sua importância para a afirmação da identidade, afinal ele é o primeiro Homem-Aranha negro dos quadrinhos. Como o personagem Miles Morales agora ocupa uma posição que até então era do personagem Peter Parker, é pertinente que o analisemos considerando as mudanças que ocorreram entre o primeiro Homem-Aranha e o atual. Começemos a partir da seguinte imagem:



Imagem 11 - Miles Morales sendo picado pela aranha radioativa¹⁸

¹⁸ Disponível em: <<http://www.baconfrito.com/wp-content/uploads/2014/09/miles-morales.jpg>>. Acesso em: 28 maio 2017.

Podemos destacar dois pontos a partir da imagem 11. O primeiro ponto é a aparência do personagem, que difere quase que completamente da de Peter Parker, tanto do primeiro quanto do mais recente, que mostramos nas imagens 7, 9 e 10. Podemos ver que Miles possui a pele negra, tal como seus traços faciais (lábios e nariz grandes) e seu cabelo. Suas roupas mostram que o estilo do garoto não é tão parecido com o do primeiro Peter Parker, que apresentava um estereótipo de *nerd*. Miles usa roupas normais, o que reforça a ideia de que o garoto é apenas um jovem normal, como qualquer outro. O segundo ponto é a forma como os personagens ganharam poderes: Miles, assim como Peter Parker, também ganhou suas habilidades de aranha a partir da picada de um inseto, porém isso ocorreu em circunstâncias diferentes. Peter estava em uma exposição, como já mencionamos acima, e foi picado pela aranha radioativa. Miles, no entanto, teve um contato inesperado com uma aranha geneticamente modificada trazida por seu tio, que havia trazido o inseto sem saber dentro de sua bolsa, depois de roubar alguns segredos da Oscorp, organização de extrema importância nas histórias do Homem-Aranha.

Além dos fatores destacados na imagem 11, vale mencionarmos o contexto social em que Miles Morales está inserido: Enquanto Peter Parker morava, inicialmente, com seus tios em uma casa simples em uma área comum de Nova York, Miles morava com seus pais no Brooklyn, que também é um bairro em Nova York, porém conhecido por abrigar diversas identidades culturais que seriam consideradas minoria, como asiáticos, negros e latinos. Sendo assim, em Miles Morales, podemos observar um discurso que inclui, ao mesmo tempo que deixa clara a separação entre as identidades de resistência e as identidades legitimadoras das quais Barreto (2014) fala, isto é, as identidades que se encontram em minoria e as que são tomadas como uma identidade dominante. Há vários fatores que nos fazem pensar dessa forma, desde o contexto familiar de Miles até suas relações de amizade, que mantém o personagem em um ambiente onde residem essas identidades consideradas minorias nos Estados Unidos. Não necessariamente essa separação é algo ruim, afinal podemos interpretá-la como uma forma de dar vez, nessa nova história do Homem-Aranha, a identidades que antes eram apagadas ou secundárias no enredo.

Enquanto encontramos no *Ultimate Homem-Aranha* alguns personagens latinos, asiáticos e negros tendo sua devida importância na vida do personagem, na primeira *comic*, de 1962, é possível observarmos que os personagens ao redor de Peter Parker são todos brancos:



Imagem 12 - Primeira versão da HQ do Homem-Aranha: Apenas personagens brancos presentes.¹⁹

No momento em que surgiu o primeiro Homem-Aranha, os Estados Unidos ainda estavam inseridos em um contexto de segregação racial, que só deixou de existir (em lei) a partir de 1964, graças à Lei dos Direitos Civis, que não permitia mais a separação. Considerando esse momento da história, é possível afirmarmos que a inserção apenas de personagens brancos em volta do personagem Peter Parker, como mostrado na imagem 12, se dá graças à segregação racial da época.

Em dias atuais, apesar de haver uma identidade dominante em nossa sociedade e esta ser formada por brancos, as identidades tratadas como minorias vêm lutando para garantir não apenas seu espaço, mas igualdade. Levando em consideração esse fator, é correto afirmar que a inserção de Miles Morales como o primeiro Homem-Aranha negro acaba funcionando como uma ação afirmativa, que não afirma apenas a identidade negra, mas outras identidades de resistência, como os latinos e os asiáticos, que são colocados dentro do enredo onde reside o personagem Miles Morales. Como falamos anteriormente, o fato de haver um tipo de separação notável entre as identidades legitimadora e de resistência na *comic* não implica necessariamente

¹⁹ Disponível em: <<http://www.aminoapps.com/page/comics/287367/peter-parker-misconception>>. Acesso em: 29 maio 2017.

em uma segregação racial, como no caso da *comic* de 1962. Em compensação, pode implicar em um destaque a essas identidades, como podemos observar a seguir, a partir de imagens que mostram o contexto familiar e as amizades de Miles.

Para observarmos o contexto familiar do garoto, analisemos a seguinte imagem:



Imagem 13 - Miles Morales com sua família.²⁰

Miles Morales é filho de Rio Morales, uma mulher que apesar de ser uma cidadã estadunidense tem origens latinas (é notável pelos traços de sua aparência e pelo seu sobrenome) e de Jefferson Davis, um homem negro, que se dividiu entre o mundo do crime e o da justiça, vivendo como um agente duplo. A relação familiar era estável no começo da história, e como a imagem 13 aponta, Miles era um garoto amado pelos seus pais e devolvia de forma recíproca esse amor. Essa estabilidade inicial é quebrada quando o garoto ganha os poderes de Homem-Aranha. Jefferson, seu pai, não o aceita como herói e some da vida dele, enquanto Rio, sua mãe, acaba morrendo, mesmo que apoiasse o filho.

²⁰ Disponível em: <<https://static.comicvine.com/uploads/original/12/120635/2378922-32.jpg>>. Acesso em: 29 maio 2017.

Apesar das tragédias em volta do personagem, o fato de existir uma inicial harmonia em família reforça a ideia de igualdade, uma vez que o leitor pode perceber que uma família com integrantes negros e latinos não difere de uma família branca. É possível vermos, através da imagem 13, que a relação de Miles com seus pais é positiva, independentemente de sua raça. Essa ideia de igualdade que o discurso da *comic* produz é capaz de afirmar identidades, uma vez que coloca as identidades latina e negra ao mesmo nível da identidade dominante.

Outra forma com a qual a *comic* consegue afirmar identidades é através dos personagens amigos de quarto de Miles, Ganke Lee e Judge (este se torna ex-colega de quarto no decorrer da história). A imagem seguinte mostra esses personagens:



Imagem 14 - Miles Morales, Ganke Lee e Judge²¹

O personagem Ganke Lee, à esquerda de Miles, é seu melhor amigo. Foi o primeiro a saber dos poderes de aranha do garoto e foi quem acompanhou toda a trajetória dele para que pudesse se tornar um herói à altura do antigo Homem-Aranha. O personagem ao fundo da foto

²¹Disponível em: <<https://comicvine.gamespot.com/miles-morales/4005-79420/forums/interview-david-marquez-on-taking-over-ultimate-sp-661969/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

é Judge, um colega de quarto de Miles e Ganke, que mesmo sem ninguém o contar sobre os poderes de Miles, conseguiu descobrir e ser bastante útil em um momento de necessidade na história.

Ganke é um representante da identidade asiática. É possível notar traços asiáticos em sua aparência (olhos puxados, pele amarela e cabelo muito preto, com aspecto “pontudo”). Judge, por sua vez, é mais um representante da identidade negra na *comic*. A inserção de personagens negros e asiáticos na vida cotidiana de Miles Morales é capaz de afirmar identidades levando em consideração os quadrinhos antigos, em que os parceiros de Peter Parker eram personagens brancos, como podemos ver na imagem 15:

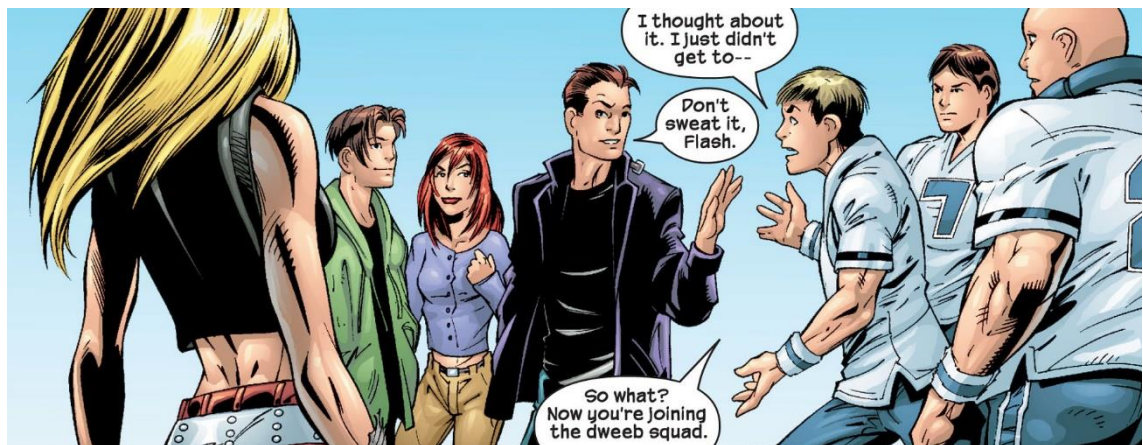


Imagem 15 - Peter Parker e seus amigos Mary Jane e Harry Osborne²²

No momento em que os “parceiros” da vida cotidiana do Homem-Aranha deixam de ser representados apenas por personagens brancos e passam a trazer personagens de outras etnias, é pertinente pensarmos a respeito da afirmação de identidades, uma vez que essas identidades podem se sentir representadas não só pelo personagem principal, o herói, mas por personagens secundários, que possuem sua devida importância na trama.

Apesar de a afirmação de identidades ter sido mostrada até este momento de um ângulo geral e quase que externo ao personagem, essa busca de igualdade também está presente no discurso do próprio Miles Morales, em sua ideologia. Isso pode ser visto com clareza em um momento da *comic* em que o personagem se incomoda ao ouvir o discurso de uma garota, que

²² Disponível em:

<http://marvel.wikia.com/wiki/File:Harry_Osborn_Peter_Parker_Mary_Jane_Watson_Gwen_Stacy_Kong_Earth_1610_Vol_1_22_2002.png>. Acesso em: 30 maio 2017.

fala em um vídeo sobre o “Homem-Aranha negro”. Isso acontece porque em algum momento Miles aparece sem máscara na mídia, e o rosto do novo Homem-Aranha se torna conhecido por todos os cidadãos. A partir deste fato, várias notícias foram divulgadas pela mídia, relacionadas ao garoto. Dentre elas, a da garota que o menciona como o “Homem-Aranha negro”. Podemos observar abaixo, na imagem a reação de Miles ao discurso da garota:



Imagem 16 - Miles se incomoda com o título de Homem-Aranha negro.²³

Ao ouvir o discurso da garota, que se refere a ele como o “Homem-Aranha negro” (primeiro quadrinho), Miles é direto e afirma que não quer essa qualificação, esse título. No quadrinho seguinte, ele explica melhor: “Isso é-- Eu não quero ser o Homem-Aranha negro. Eu quero ser o Homem-Aranha”. A partir dessa afirmação, podemos entender que o discurso de Miles vai contra a ideia de segregação de raças, de identidades. Ele não quer ser tratado como um herói negro, mas como um herói, sem a menção da raça. Em outras palavras, Miles resiste ao discurso da garota do vídeo. Isso nos leva a pensar nas ações afirmativas, que buscam corrigir uma história de segregação entre identidades dominantes e identidades de resistência, criando

²³ Disponível em: <<https://static.omelete.uol.com.br/media/uploads/conteudo/fotos/mm-negro-latino.jpg>>. Acesso em: 30 maio 2017.

políticas que buscam a igualdade, de forma que uma identidade considerada minoria não seja compreendida como tal, mas como uma parte igual da sociedade. Ou seja, a resistência de Miles ativa a memória coletiva que retoma os discursos de resistência do povo negro, que busca igualdade há muito tempo através de suas lutas.

No quadrinho seguinte, Miles ainda acrescenta: “Primeiramente, eu sou metade hispânico”. Em seguida, ele decide tomar um banho e ignorar o discurso da garota, depois de se mostrar bastante incomodado. Voltamos a falar sobre a busca de Miles por igualdade: ao resistir ao discurso da *YouTuber*, ele pode fazer com que o leitor leve em conta as questões de desigualdade racial, assim como pode se tornar uma referência para jovens leitores negros, que lutam contra a segregação e contra o racismo, que ainda existe nos dias de hoje, por todo o mundo. Resistindo a um discurso que promove uma separação racial, Miles Morales produz sentidos que podem influenciar leitores que se identificarem a resistirem a esse tipo de discurso no mundo real.

3.3. CAROL DANVERS

A primeira Miss Marvel, Carol Danvers, cuja primeira aparição nas *comics* foi em 1977, é uma personagem que ilustra bem a luta feminina dentro das *comics*, tal como sua sucessora, Kamala Khan. A personagem sofreu mudanças significativas com o passar do tempo e essas mudanças implicam bastante na afirmação da identidade feminina. Isso se dá pelo fato de a personagem, além de ser uma heroína com uma imensa gama de poderes, ser uma grande representante da figura feminina dentro da *Marvel* (Na *DC Comics*, por exemplo, temos a Mulher-Maravilha). Iremos, a seguir, analisar o discurso visual da personagem em dois momentos: O primeiro como Miss Marvel e o segundo como Capitã Marvel.

A afirmação da identidade feminina na personagem Carol Danvers já se manifesta desde as suas profissões: primeiro, a super-heroína trabalhou na Força Aérea até ser promovida a Coronel; em seguida, passou a trabalhar na NASA, como uma chefe de segurança. Em meio a isso, já teve inúmeros outros trabalhos, como jornalista, editora e autora de livros de ficção científica.²⁴ Além das profissões, Danvers também já esteve em equipes como os X-Men e os Vingadores. A personagem, então, pode ser tomada como representante do empoderamento

²⁴ Informações disponíveis em: <<http://legiaodosherois.uol.com.br/lista/10-coisas-que-voce-nao-sabe-sobre-a-capita-marvel.html>>. Acesso em: 30 maio 2017.

feminino na sociedade, mesmo que em algumas *comics*, como a ilustrada a seguir, ela apareça de forma muito sexualizada:



Imagem 17 - Primeira versão da Miss Marvel²⁵

A imagem, capa da primeira *comic* própria da Miss Marvel, mostra a personagem Carol Danvers usando roupas coladas, em que boa parte de suas pernas aparecem expostas, assim como sua barriga. Seu rosto é escondido por uma máscara, seu penteado segue o estilo da época da *comic* e seu busto, ombros e braços aparecem cobertos. Como foi falado anteriormente, a ideia de uma personagem feminina com múltiplos poderes era capaz de afirmar a identidade da mulher daquela época (anos 70). Porém, como podemos observar na imagem, a personagem era um pouco erotizada e isso pode ser observado pelas suas roupas apertadas, que expõem bastante a personagem. Um dos motivos possíveis para essa sexualização pode ser pelo fato de o maior público-alvo das *comics* naquela época, serem os homens.

Com o passar dos anos, a heroína foi de Miss Marvel a Capitã Marvel e passou a liderar um dos times na Guerra Civil II, um momento em que os heróis se dividem em prol de suas ideologias: enquanto um lado tinha um ideal, o outro lado pensava de outra forma.

²⁵ Disponível em: <http://marvel.wikia.com/wiki/Ms._Marvel_Vol_1_1>. Acesso em: 30 maio 2017.

Como Capitã Marvel, Carol Danvers possui um visual diferente e mais atualizado, lembrando que o discurso possui a necessidade de se ressignificar com o passar dos anos. Nessa fase, a personagem usava roupas onde todo o seu corpo é coberto, tinha o cabelo mais curto e não usava máscara, como podemos ver na imagem 18:



Imagem 18 - Carol Danvers como Capitã Marvel.²⁶

Podemos associar essa mudança visual no personagem à força que os movimentos feministas têm ganhado recentemente, buscando igualdade e respeito. Podemos defender essa hipótese se observarmos que a posição de líder que agora é de Carol Danvers anteriormente tinha sido do Capitão América, na Guerra Civil I. Este ato de colocar a mulher na liderança é capaz de afirmar a identidade feminina, mostrando que a mulher possui força para estar em cargos elevados. Sendo assim, é correto afirmar que a personagem Carol Danvers ativa uma memória coletiva, que retoma enunciados relativos à luta feminina por direitos.

²⁶ Disponível em: <<https://osantuario.files.wordpress.com/2013/01/capt-marvel-jamie-mckelvie.jpg>>. Acesso em: 30 maio 2017.

Com Carol Danvers assumindo o título de Capitã Marvel, o título de Miss Marvel havia ficado sem representante. Coube então, à personagem muçulmana Kamala Khan, honrar o título, produzindo sentidos capazes de afirmar a identidade muçulmana.

3.4. KAMALA KHAN

A sucessora indireta²⁷ da Miss Marvel, Kamala Khan, é uma garota jovem, fã de *comics*, que era apenas uma garota comum até entrar em contato com algum tipo de névoa que lhe deu superpoderes. Sua primeira aparição nas revistas em quadrinhos estadunidenses foi no ano de 2013, mesmo que só tenha aparecido como a nova Miss Marvel em 2014. A garota nasceu nos Estados Unidos, porém seus pais são muçulmanos e foram do Paquistão para os EUA, para morar em Nova Jersey.

Kamala Khan e Peter Parker, o primeiro Homem-Aranha, têm coisas em comum: Assim como Parker, a personagem consegue se aproximar bastante da realidade do leitor, uma vez que é uma representação atual dos jovens leitores das *comics*. É como uma boa parte dos fãs de quadrinhos: tinha brinquedos de seus heróis favoritos na infância, escreve coisas fictícias sobre seus heróis favoritos, etc. Essa personalidade e esses gostos em comum permitem que o leitor se identifique com facilidade com a personagem.

A personagem ainda é capaz de afirmar a identidade muçulmana e a feminina: Por ser uma mulher com grandes poderes e que age lutando contra o mal, a personagem produz sentidos que permitem que garotas jovens busquem se empoderar também, e por ser uma muçulmana em um país em que algumas pessoas não recebem muito bem a religião Islâmica e tratam os seus adeptos com preconceito graças a grupos radicais ligados ao Islã, a personagem também é capaz de afirmar a identidade muçulmana, já que, dentre os vários efeitos de sentido produzidos pela personagem, um deles pode ser a afirmativa “um muçulmano pode ser um herói em terras estadunidenses”. Kamala Khan, portanto, é capaz de incentivar jovens muçulmanos moradores (ou não) dos Estados Unidos a não recuarem diante do preconceito, e acreditarem que podem ser heróis.

Falando agora sobre o discurso visual da personagem, podemos notar que as roupas da garota como heroína se adequam à sua crença, ou seja, respeitam sua religião e ao mesmo tempo, sua idade, afinal, Kamala Khan é uma garota jovem. Observemos:

²⁷ Diferente de Miles Morales, a garota não foi “abençoada” pela sua antecessora, apenas se apropriou do nome Miss Marvel.



Imagem 19 - Kamala Khan, a nova Miss Marvel.²⁸

Na imagem 19, podemos ver a aparência da personagem: ela tem a pele um pouco escura, cabelos castanhos e usa uma roupa semelhante a uma veste muçulmana, onde nada além de seus punhos e rosto está exposto (ainda assim, há uma máscara cobrindo parte de seu rosto). Em respeito à sua religião, as roupas não mostram muito de seus detalhes físicos, tendo apenas a função de cobrir o corpo. Esses elementos visuais também trazem sentidos que reforçam a afirmação da identidade muçulmana e retomam uma memória discursiva que resgata os costumes do povo muçulmano no momento em que a personagem não sai de sua crença quando se torna uma super-heróina, afinal, como podemos dizer a partir das considerações de Possenti (2004), a memória discursiva é uma memória coletiva ativada por determinados discursos através da retomada de enunciados passados.

Carol Danvers e Kamala Khan, como personagens, não têm muitas coisas em comum além do mesmo título de heroína e do fato de serem heroínas e mulheres poderosas. Como discursos, logo, como produtoras de sentido, as duas são referências para o movimento feminino, que busca mostrar que mulheres são tão capazes quanto os homens, e podem ser heroínas também, em suas realidades. Kamala ainda é capaz de motivar o leitor muçulmano a ser um herói, além de mostrar aos demais leitores que muçulmanos também podem ser heróis.

²⁸ Disponível em: <<http://source.superherostuff.com/wp-content/uploads/2017/04/960.jpg>>. Acesso em 30 maio 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise do Discurso, graças a toda a sua trajetória e seus avanços como teoria, permite, atualmente, que todo discurso possa ser analisado. Por conta dessa conquista, fomos capazes de analisar textos sincréticos, textos de múltiplas linguagens. Por conta de tal meta alcançada pela AD, este trabalho foi possível e pudemos analisar a afirmação de identidades em personagens de histórias em quadrinhos, gênero que possui tanto elementos visuais quanto verbais.

Grças ao apoio teórico que usamos, fomos capazes de concluir nossa análise e chegarmos a uma conclusão: os sentidos produzidos pelo discurso das *comics* são bastante significativos para o leitor que busca um herói para se identificar. Um discurso cujos sentidos podem afirmar uma identidade negra, ou uma identidade feminina, ou uma identidade muçulmana, são de grande importância para o leitor que se sente inserido em uma minoria. Quando sua identidade é afirmada, o leitor tem a possibilidade de se sentir equiparado a qualquer identidade que esteja colocada como maioria. Jovens negros, que lerem as *comics* do novo Ultimate Homem-Aranha, poderão se sentir representados, tal como vão guardar uma vontade interna dentro de si: a vontade de serem heróis. Jovens muçulmanos que não se sintam à vontade fora de seu país, ao lerem as *comics* da nova Miss Marvel, poderão se sentir mais fortes perante a sociedade, não apenas isso: poderão se sentir iguais, além de guardarem o desejo de serem heróis.

Foi possível vermos também o discurso desses personagens acompanham o tempo que passa, e isso se dá pela constante ressignificação do discurso. Miles Morales, surgido em 2011, aparece como o novo Ultimate Homem-Aranha em uma época em que os Estados Unidos recebem pela primeira vez um presidente negro, Barack Obama. Kamala Khan traz em seu discurso a questão do preconceito com muçulmanos existente nos EUA em uma época em que vários muçulmanos morrem todos os dias por atentados de grupos radicais, como o Estado Islâmico.

Não temos como saber a fundo as intenções da Marvel Comics ao criar personagens como Miles Morales e Kamala Khan. Tudo pode não passar de *marketing*. No fim das contas, porém, para o leitor que busca se identificar ou se sentir representado por um herói — ou sentir que pode ser um herói —, os personagens fazem seus devidos papéis e deixam um recado implícito: qualquer pessoa pode se tornar um super-herói.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Luciana Augusto. **Pela graça da mistura: ações afirmativas, discurso e identidade negra no curso de direito em universidades públicas paraibanas**. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/4784>>. Acesso em: 22 abr. 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2005.
- CRESTANI, Luciana Maria. Sincretismo de linguagens e efeitos de sentido no jornalismo *online*. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 456-474, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4434>>. Acesso em: 23 maio 2017.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, n. 27, p. 39-46, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896>>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11- 25, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/issue/view/11/>>. Acesso em: 22 abr. 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Sobre “La frontiere absente (un bilan)”. **Anais do I SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead1.html>> Acesso em: 21 abr. 2017.
- MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do discurso e ciberespaço: heterotopias contemporâneas**. 2010. 135f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93941>>. Acesso em: 22 abr. 2017.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Editora Pontes, 2007.
- PONGE, Robert. 1968, dos movimentos sociais à cultura. **Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 39-45, jul./dez. 2009. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29507>> Acesso em: 21 abr. 2017.
- POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In MUSSALIM, F. e BENTES, A.C (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, vol. 3. São Paulo, Editora Cortez, 2004.

SANTOS, Eugênio Pacelli Jerônimo; SILVA, Flávia Ferreira da. **Análise do Discurso I**: as 3 fases da Análise do Discurso. São Cristóvão. 2014. Disponível em: <http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08322202062014Analise_do_Discurso_I_Aula_2.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.

Sites consultados

<<https://latuffcartoons.files.wordpress.com/2013/08/veja-e-o-trensalaio.gif>>. Acesso em: 22 maio 2017.

<<http://comicsalliance.com/files/2012/03/untitled-1-1331241894-1331242175.jpg>>. Acesso em: 26 maio 2017.

<<http://legiaodosherois.uol.com.br/lista/10-coisas-que-voce-nao-sabe-sobre-a-capitamarvel.html>>. Acesso em: 30 maio 2017.

<http://marvel.wikia.com/wiki/File:Harry_Osborn_Peter_Parker_Mary_Jane_Watson_Gwen_Stacy_Kong_Earth_1610_Vol_1_22_2002.png>. Acesso em: 30 maio 2017.

<http://marvel.wikia.com/wiki/Ms._Marvel_Vol_1_1>. Acesso em 30 maio 2017.

<[http://marvel.wikia.com/wiki/Peter_Parker_\(Earth-1610\)](http://marvel.wikia.com/wiki/Peter_Parker_(Earth-1610))>. Acesso em: 28 maio 2017.

<<http://source.superherostuff.com/wp-content/uploads/2017/04/960.jpg>>. Acesso em 30 maio 2017.

<<http://thegeekverse.com/wp-content/uploads/2013/09/ultimate-captain-america-by-brian-hitch.jpg>>. Acesso em: 25 maio 2017.

<<http://www.aminoapps.com/page/comics/287367/peter-parker-misconception>>. Acesso em: 29 maio 2017.

<<http://www.baconfrito.com/wp-content/uploads/2014/09/miles-morales.jpg>>. Acesso em: 28 maio 2017.

<<http://www.marvel616.com/2012/08/ultimate-homem-aranha-uma-historia.html>>. Acesso em: 28 maio 2017.

<<http://www.reviewingcomics.com/marvel/amazing-spider-man-1963/amazing-spider-man-3/>>. Acesso em: 28 maio 2017.

<<https://comicvine.gamespot.com/miles-morales/4005-79420/forums/interview-david-marquez-on-taking-over-ultimate-sp-661969/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

<<https://generoclandestino.files.wordpress.com/2016/03/tirinha-planeta-doente.jpg>>. Acesso em: 22 maio 2017.

<<https://kanto.legiaodosherois.com.br/w750-h1200/wpcontent/uploads/2014/09/spider-man-peter-parker-radioactive-spider-bite-origin.png>>. Acesso em: 28 maio 2017.

<<https://osantuario.files.wordpress.com/2013/01/capt-marvel-jamie-mckelvie.jpg>>. Acesso em: 30 maio 2017.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Kimi_ni_Todoke#/media/File:Kimi_ni_Todoke_vol_1.jpg>. Acesso em: 24 maio 2017.

<<https://static.comicvine.com/uploads/original/12/120635/2378922-32.jpg>>. Acesso em: 29 maio 2017.

<https://static.omelete.uol.com.br/media/filer_public/96/38/963868fd-126b-49c5-a71a-6ef3e608791a/avengers-millennium-1-capas.jpg>. Acesso em: 25 maio 2017.

<<https://static.omelete.uol.com.br/media/uploads/conteudo/fotos/mm-negro-latino.jpg>>. Acesso em: 30 maio 2017.